



LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

Arte



Ensino Médio
MÓDULO III

UNIDADE III

A África é um continente de grande diversidade cultural que se vê fortemente ligada à cultura brasileira. Os africanos prezam muito a moral e acreditam até que esta é bem semelhante à religião. Acreditam também que o homem precisa respeitar a natureza, a vida e os outros homens para que não sejam punidos pelos espíritos com secas, enchentes, doenças, pestes e morte. Não utilizavam textos e nem imagens para se basearem, mas fazem seus ritos a partir do conhecimento repassado através de gerações antigas.

CULTURA AFRICANA

Artes na cultura africana



A arte africana é um conjunto de manifestações artísticas produzidas pelos povos da África subsaariana ao longo da história.

História e características da arte africana

O continente africano acolhe uma grande variedade de culturas, caracterizadas cada uma delas por um idioma próprio, tradições e formas artísticas características. O deserto do Saara atuou e continua atuando como uma barreira natural entre o norte da África e o resto do continente. Os registros históricos e artísticos demonstram indícios que confirmam uma série

de influências entre as duas zonas. Estas trocas culturais foram facilitadas pelas rotas de comércio que atravessam a África desde a antiguidade.

Podemos identificar atualmente, na região sul do Saara, características da arte islâmica, assim como formas arquitetônicas de influência norte-africana. Pesquisas arqueológicas demonstram uma forte influência cultural e artística do Egito Antigo nas civilizações africanas do sul do Saara.

A arte africana é um reflexo fiel das ricas histórias, mitos, crenças e filosofia dos habitantes deste enorme continente. A riqueza desta arte tem fornecido matéria-prima e inspiração para vários movimentos artísticos contemporâneos da América e da Europa. Artistas do século XX admiraram a importância da abstração e do naturalismo na arte africana.

A história da arte africana remonta o período pré-histórico. As formas artísticas mais antigas são as pinturas e gravações em pedra de Tassili e Ennedi, na região do Saara (6000 AC ao século I da nossa era).



Outros exemplos da arte primitiva africana são as esculturas modeladas em argila dos artistas da cultura Nok (norte da Nigéria), feitas entre 500 AC e 200 DC. Destacam-se também os trabalhos decorativos de bronze de

Igbo-Ukwu (séculos IX e X) e as magníficas esculturas em bronze e **Igbo-Ukwu:arte** terracota de Ifé (do século XII al XV). Estas últimas mostram a habilidade **Africana em bronze** técnica e estão representadas de forma tão naturalista que, até pouco tempo atrás, acreditava-se ter inspirações na arte da Grécia Antiga.

Os povos africanos faziam seus objetos de arte utilizando diversos elementos da natureza. Faziam esculturas de marfim, máscaras entalhadas em madeira e ornamentos em ouro e bronze. Os temas retratados nas obras de arte remetem ao cotidiano, a religião e aos aspectos naturais da região. Desta forma, esculpam e pintavam mitos, animais da floresta, cenas das tradições, personagens do cotidiano etc.

Chegada ao Brasil

A arte africana chegou ao Brasil através dos escravos, que foram trazidos para cá pelos portugueses durante os períodos colonial e imperial. Em muitos casos, os elementos artísticos

africanos fundiram-se com os indígenas e portugueses, para gerar novos componentes artísticos de uma magnífica arte afro-brasileira.

TIPOS DE DANÇAS E BREVE CARACTERIZAÇÃO

DANÇO CONGO - É uma dança teatralizada (ou uma pantomina dançada) que tem lugar na gravana, ao ar livre, por altura das festas religiosas e populares. Cada grupo de Danço Congo é constituído por uma secção musical (três ou quatro tambores, flautas e canzás) e um número variável de figurantes, todos eles hábeis dançarinos: o capitão congo, o lôgôzu, o anjumôlê (anjo que morreu), o anjucantá (anjo cantador), o opé pó (figura que executa diversas acrobacias sobre duas andas), Mulogi o feiticeiro, o zuguzugu (ajudante de feiticeiro), três ou quatro bobos, o djabu (diabo) e dez a dezoito soldados dançarinos.

Esta dança frenética, colorida, espetacular, com uma vigorosa - quase violenta - coreografia, conta ao longo de três horas a seguinte história: um rico faleceu e deixou como herança aos seus quatro filhos (os bobos) uma extensa roça. Incapazes de cuidar da propriedade, estes pedem a colaboração do "capitão congo", que aceita e escolhe os seus auxiliares (o lôgôzu passa a ser o guarda da roça). Um dia na festa os bailarinos dançam orientados pelo capitão. O feiticeiro e o ajudante aproximam-se para observar. O capitão vê-os e ordena ao anjucantá que cante, convidando-os a participar na festa, mas eles não se aproximam. O capitão decide então cercá-los, para os capturar e obrigar a tomar parte na dança. Mais tarde, o feiticeiro e o ajudante conseguem fugir.

Aparece, entretanto, o opé pó, dançando sobre enormes andas, e os figurantes dispõem-se à sua volta e recomeçam a bailar. Passado algum tempo entra o demónio. O feiticeiro regressa e, com a ajuda do djabu, mata o anjumolê (filho de um dos bobos). A tristeza apodera-se de todos. O capitão pede contas ao lôgôzu por ter deixado escapar o feiticeiro, mas ele responde-lhe que a sua função era guardar a roça por fora e não por dentro. Indiferentes ao falecimento do anjumolê, os bobos cantam em coro dizendo que não há motivo para a festa terminar. E ela prossegue.



A **arte africana** representa os usos e costumes das tribos africanas. O objeto de arte é funcional e expressam muita sensibilidade. Nas pinturas, assim como nas esculturas, a presença da figura humana identifica a preocupação com os valores étnicos, morais e religiosos. A escultura foi uma forma de arte muito utilizada pelos artistas africanos usando-se o ouro, bronze e marfim como matéria prima. Representando um disfarce para a incorporação dos espíritos

e a possibilidade de adquirir forças mágicas, as máscaras têm um significado místico e importante na arte africana sendo usadas nos rituais e funerais. As máscaras são confeccionadas em barro, marfim, metais, mas o material mais utilizado é a madeira. Para estabelecer a purificação e a ligação com a entidade sagrada, são modeladas em segredo na selva. Visitando os museus da Europa Ocidental é possível conhecer o maior acervo da arte antiga africana no mundo.

História

A origem da história da arte africana está situada muito antes da história registrada. A arte africana em rocha no Saara, em Níger, conserva entalhes de 6000 anos. As esculturas mais antigas conhecidas são dos Nok cultura da Nigéria, feitas por volta 500 d.C.. Junto com a África Subsariana, as artes culturais das tribos ocidentais, artefatos do Egito antigo, e artesanatos indígenas do sul também contribuíram grandemente para a arte africana. Muitas vezes, representando a abundância da natureza circundante, a arte foi muitas vezes interpretações abstratas de animais, vida vegetal, ou desenhos naturais e formas.

Métodos mais complexos de produção de arte foram desenvolvidos na África Subsariana, por volta do século X, alguns dos mais notáveis avanços incluem o trabalho de bronze do IgboUkwu e a terracota e trabalhos em metal de Ife fundição em Bronze e latão, muitas vezes ornamentados com marfim e pedras preciosas, tornou-se altamente prestigiado, em grande parte de África Ocidental, às vezes sendo limitado ao trabalho dos artesãos e identificado com a realeza, como aconteceu com o Benin Bronzes.

Arte africana na atualidade

Muitas das chamadas artes tradicionais da África estão sendo ainda trabalhadas, entalhadas e usadas dentro de contextos tradicionais. Mas, como em todos os períodos da arte, importantes inovações também têm sido assimiladas, havendo uma coexistência dos estilos e modos de expressão já estabelecidos com essas inovações que surgem. Nos últimos anos, com o desenvolvimento dos transportes e das comunicações dentro do continente, um grande número de formas de arte tem sido disseminado por entre as diversas culturas africanas.

Além das próprias influências africanas, algumas mudanças têm sua origem em outras civilizações. Por exemplo, a arquitetura e as formas islâmicas podem ser vistas hoje em algumas regiões da Nigéria, em Mali, Burkina Faso e Niger. Alguns desenhos e pinturas do leste indiano têm bastante similaridade em suas formas com as esculturas e máscaras de artistas dos povos Dibibio e Efik que se estabelecem ao sul da Nigéria. Temas cristãos também tem sido observado nos trabalhos de artistas contemporâneos, principalmente em igrejas e catedrais africanas. Vê-se ainda na África, nos últimos anos, um desenvolvimento de formas e estruturas ocidentais modernas, como bancos, estabelecimentos comerciais e sedes governamentais.

Os turistas também tem sido responsáveis por uma nova demanda das artes, particularmente por máscaras decorativas e esculturas africanas feitas de marfim e ébano. O desenvolvimento das escolas de arte e arquitetura em cidades africanas, tem incentivado os artistas a trabalhar com novos meios, tais Como cimento, óleo, pedras, alumínio, com uma utilização de diferentes cores e desenhos. Ashira Olatunde da Nigéria e Nicholas Mukomberanwa de Zimbábue estão entre os maiores patrocinadores desse novo tipo de arte na África.

As formas de arte africana

A pintura é empregada na decoração das paredes dos palácios reais, celeiros, das choupas sagradas. Seus motivos, muito variados, vão desde formas essencialmente geométricas até a reprodução de cenas de caça e guerra. Serve também para o acabamento das máscaras e para os adornos corporais. A mais importante manifestação da arte africana é, porém, a escultura. A madeira é um dos materiais preferidos. Ao trabalhá-la, o escultor associa outras técnicas (cestaria, pintura, colagem de tecidos)

Arte Sacra

Arte religiosa e **arte sacra** não têm o mesmo significado, pois uma obra pode ser produzida sob a inspiração divina, mas não ser voltada para o culto. Portanto, esta tem um destino concreto, o de servir a rituais litúrgicos. Jacques Maritain destaca a distinção, dentro da esfera da arte, da produção cristã e, inserida nesta, a atuação da arte sacra, através de elementos espirituais que compõem sua essência.



A arte sacra popular não apresenta formas lapidadas, enquanto a arte sacra clássica revela artistas com um talento sublime. A arte religiosa é um reflexo da essência humana, um processo interno do artista, sua imagem do amor divino. Ela é, assim, subordinada à religião institucional. A arte sacra está, portanto, impregnada dessas características, mas diferencia-se por ser imanente ao culto sagrado. Sua intenção é despertar nos fiéis emoções puras e singelas, revelarlhes a visão do Paraíso ainda na Terra, um lampejo da perfeição.

Mas estas obras, distintas das cristãs em geral, não devem chocar os frequentadores das Igrejas nas quais estão expostas, nem ferir suscetibilidades, muito menos criar controvérsias ou questionar dogmas e conceitos religiosos. Seus fins são estritamente pragmáticos.

Não seria apropriado, por exemplo, rezar a Missa diante de um quadro, por maior que seja seu valor artístico. Não importa, assim, o significado estético ou o elemento sensível da obra, e sim sua capacidade de elevar os sentimentos dos que a contemplam – ela deve ser um símbolo do mistério divino. Em resumo, ela deve adequar-se às cerimônias litúrgicas, mas conservar ao mesmo tempo as qualidades estéticas do que se conhece como arte, expressando com um estilo próprio sua linguagem particular.

A Igreja sempre abrigou em seu núcleo as manifestações artísticas, mas na esfera privada dos seus rituais ela não admite princípios profanos, assim ela cria rigorosos critérios de seleção e procura discernir o que se ajusta à fé cristã e às suas tradições. Contra a iconoclastia calvinista, o Concílio de Trento destaca a importância de algumas imagens, como as de Cristo, da Virgem Maria e dos santos, sem incidir em atitudes abusivas.



O Código de Direito Canônico regula a construção de Igrejas, as imagens permitidas nos recintos religiosos, os objetos litúrgicos utilizados nos rituais, os sacrários aceitos e a manutenção deste patrimônio artístico. Acima das preferências do artista, deve estar a utilidade da obra e os interesses da comunidade cristã. Assim, não há formas fixas, cristalizadas, na Arte Sacra, não há um estilo definido. Ocorrem várias mudanças ao longo do tempo, pois a Igreja não se considera proprietária desta produção artística. Para seus representantes, o importante é se apropriar

das formas e das técnicas de cada época e desta maneira melhor servir à congregação religiosa. Este critério também vale para as vestes e decorações sagradas.

Houve o predomínio, durante muito tempo, dos exageros barrocos, nascidos da ilusória ideia de que tudo relacionado a Deus deve ser excessivo, grandioso, envolto em camadas de ouro, cores e brilhos. Movimentos como os dos franciscanos pregam a simplicidade e a beleza, essência divina. Mas no Vaticano e em alguns outros importantes Catedrais vigora ainda o reinado do ouro e dos exageros formais. No Brasil, bem como em toda a América, predomina o Barroco Mineiro, com destaque para Atahide e Aleijadinho, conhecidos mundialmente. A Arte Sacra foi a primeira expressão artística no Brasil colonial.

Pra clicar em :Concílio de Trento: Concílio de Trento é o nome de uma reunião de cunho religioso (tecnicamente denominado **concílio ecumênico**) convocada pelo papa Paulo III em 1546 na cidade de Trento, na área do Tirol italiano. Com o surgimento e consequente expansão do protestantismo profundas modificações atingiram a Igreja Católica. Uma reação a tal expansão, vulgarmente denominada “Contra-Reforma” foi guiada pelos papas Paulo III, Júlio III, Paulo IV, Pio V, Gregório XIII e Sisto V, buscando combater a expansão da Reforma Protestante. Além da reorganização de várias comunidades religiosas já existentes, outras foram criadas, dentre as quais a Companhia de Jesus ou Ordem dos Jesuítas, tendo como fundador Santo Inácio de Loyola.

Vaticano: A Cidade do Vaticano, publicamente denominada **Estado da Cidade do Vaticano**, é o núcleo oficial da Igreja Católica, o menor país do globo, localizado no interior de outra nação, a Itália, próxima à capital, Roma. Ela constitui uma cidade-estado autônoma, desprovida de águas costeiras, e perfaz somente 0,44km², o que corresponde a um vasto quarteirão.

Neste centro da Igreja encontra-se o papa, líder máximo do catolicismo e também desta circunscrição estatal, que abriga cerca de 800 moradores. A autoridade maior do Vaticano está centrada na Santa Sé, alçada eclesiástica, esfera administrativa que estabelece a interação com as demais nações, e tem poderes para integrar acordos internacionais.

O idioma convencional do Vaticano é o italiano e o latim; este pequeno estado, apesar de sua dimensão, também conta com diplomatas ao longo do globo, bem como abriga embaixadas de outros países, particularmente em Roma. Esta cidade foi criada em 1929, diferentemente da Santa Sé, a qual é tão antiga quanto o próprio Cristianismo original. Ela constitui a mais importante sede episcopal, englobando 1,142 bilhões de católicos romanos em todo o Planeta.

Há algumas diferenças entre a Santa Sé e o Vaticano; os dois apresentam passaportes singulares; à primeira cabem os diplomáticos e os das funções utilitárias, e ao segundo estão reservados os passaportes comuns. Documentos que circulam pela sede episcopal são elaborados em latim, enquanto os da cidade-estado são produzidos no idioma italiano.

O Vaticano foi fundado através do Tratado de Latrão, um país original, não um remanescente dos antigos Estados Pontifícios, que anteriormente incluíam a região conhecida como Itália Central. Esta pequena nação é sacerdotal-monárquica, ou seja, gerida pelo bispo romano, o Papa, que reside no Palácio Apostólico desde a volta do papado a Roma, em 1377, pois temporariamente o poder papal estava concentrado na cidade de Avignon, localizada no Sul da França.

Antes desta mudança do papado para a França, os papas moravam no Palácio de Latrão, na região oposta de Roma, onde foi firmado o contrato que criou esta cidade-estado. Clérigos da Igreja Católica de diversas procedências raciais, étnicas e geográficas configuram a constelação de trabalhadores públicos que servem ao Vaticano.

A temperatura comum nesta cidade é a típica da região mediterrânea. Um grande número de peregrinos se dirige anualmente ao Vaticano para ter uma rápida visão do Papa; assim, o principal turismo neste local é o de natureza religiosa. Os pontos de maior visitação nesta cidade são a Praça de São Pedro e a Basílica, aí localizada.

Arte – Idade Média

1. ARTE MEDIEVAL:



A arte medieval sofre influências diversas, especialmente do judaísmo. Enquanto outras partes do mundo a religiosidade girava em torno de figuras imaginárias e criaturas de lendas grotescas, o cristianismo possui - como fundador - uma figura histórica de personalidade bem definida:

JESUS. A arte desta fase girará em torno do cristianismo e da Igreja Católica.

- Bizantino
- Islamismo
- Românico
- Gótico

2. **Arte Cristã** - Primitiva séc.: II ao VI Sem decoração nenhuma

3. **Idade das trevas** acontece nos séc.: VII ao XI

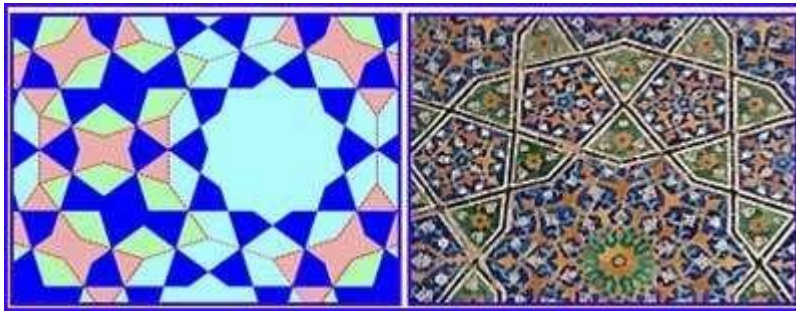


- O fim do império romano se dá no séc. VIII No séc VII Maomé (Árabe) sitiou constantinopla derrubou o Império Romano que já estava decadente pela invasão dos bárbaros do norte (Francos e Germânos)
- Retomada bárbara Carlos Magno morreu no séc VII, então houve a retomada bárbara. Nômades acônitos e 4 séculos sem nada novo na arte o Eclipse do ocidente que consegue reunificar a Europa, assim a igreja e a arte começam a florescer no acidente.

4. A Arte bizantina Séc.: IV ao VII

- Decoração só no interior mosaico iluminuras
- técnicas de ilustração dos livros sagrados
- fundos coloridos dourados
- volumetria nenhuma arte plana
- Repetição de detalhes

5. ARTE MEDIEVAL islâmica



6. ARTE MEDIEVAL românica Séc.: XI e XII



Virgem Maria (Cimabue)

Arco redondo e abóboda de berço Igreja militante séc. XII - campanário e abóboda de aresta
ESCULTURA e PINTURA
Decoração e estrutura
Reaparecimento da figura
Narrativa simbólica

7. ARTE MEDIEVAL gótica Séc.: XII e XIII

Arquitetura

No século XII quiseram dar sentido de transcendência a arte, principalmente à construção das igrejas. Para dar esta leveza inventaram um novo método de construção de abóbodas, de arestas com sessões triangulares.

Os Templários, sábios da construção dos templos, usaram sua filosofia e sua lógica matemática.

Revolução dos métodos construtivos (arco gival, arcobotante e vitral).

Igreja triunfante

8. Gótica

Escultura

Clareza e movimento naturalismo (para a eficácia da leitura dos fiéis da mensagem)

As escultura faziam parte da arquitetura e serviam de pilares

Figuras mistas e híbridas com padrões bárbaros, como dragões.

Não há autonomia dos artistas, pois a base eram os textos sagrados, seja na pintura ou arquitetura.

Pintura

Permanência dos postulados bizantinos

Volta ao esquemismo Volta a figura isolada sem movimento dando a impressão de extraterrestre.

Porém afastou-se do espírito abstrato dos bárbaros



A pintura era feita para os reis, feita de iluminuras, profundidade mínima, simetria, serialização, elevação do chão, frontalidade.

A arte Gótica



A Arte Gótica surgiu na Ilha de Francê no séc XII Séc XIII cria-se a Universidade de Paris no sec XIV difundiu-se por toda a Europa no sec XIV cria-se a Universidade de Coimbra A Catedral Gótica é um esforço de toda uma comunidade, tudo girava em torno da catedral, centro do saber. O espírito da época desejava atingir as alturas

e para isso havia necessidade de mudar, ou melhor, sofisticar a arquitetura para que pudessem conseguir torres que dessem altura e leveza.

Arte Românica

Num primeiro momento, no tempo da Alta Idade Média, denominou-se a expressão artística daquela época de estilo românico, num período posterior, durante a Baixa Idade Média, foi chamado de estilo gótico. O cristianismo oriental, por sua vez, cuja capital espiritual era Constantinopla (Bizâncio), e que somente sucumbiu mil anos depois da queda de Roma, manteve uma identidade estética própria, conhecida como Estilo Bizantino, que muito influenciou a arte medieval ocidental.

A arte românica foi a arte cristã do Ocidente europeu desenvolvida entre os séculos XI e XII. Ela marcou a ruptura com o período clássico da Era Greco-Romana e serviu como ponte para o estilo seguinte, quando então evoluiu para formas arquitetônicas ditas góticas ou ogivais.

Tornou-se a expressão artística dos tempos dos cruzados, das lutas dos mouros contra os cristãos, da proliferação das Ordens Religiosas, das constantes refregas travadas entre o imperador e o papa, e entre os reis e os barões feudais que tanto empobreceram a Europa.

A construção da época foi fundamentalmente religiosa, pois somente a Igreja cristã e as ordens religiosas possuíam fundos suficientes ou pelo menos a organização eficiente para arrecadá-los e financiar o erguimento de capelas, de igrejas e de mosteiros.

Expressão de um tempo belicoso e inseguro, pobre em atividades comerciais e mercantis, os edifícios da época do românico, além de toscos, assemelham-se à fortalezas. Era uma estética da

pedra bruta, de paredes expostas quase sem reboco, com um diminuto número de janelas e interiores geralmente sombrios.

Escultura Gótica

A arte da escultura atingiu um grande desenvolvimento durante a Idade Média. Entretanto até o século X, essa arte foi pouco praticada, mas quando se iniciou o seu processo de desenvolvimento e de difusão o mesmo ocorreu de forma bastante rápida. Em pouco tempo os escultores adquiriram uma grande técnica, tornando-se capazes de realizar obras de arte de nível tão elevado que poucas vezes foi igualado na História.

Portanto muito do que se pode observar na elevada arte escultural da renascença deve-se não só ao resgate da cultura clássica greco-romana, mas também à técnica desenvolvida no período medieval que é considerado muito erroneamente como uma época obscura e infrutífera, principalmente no que se refere as artes e a ciência.

O estilo gótico foi criado no século XII. A primeira obra de arquitetura gótica foi a realizada por Suger ao reformar a fachada e o coro da Abadia de Saint-Denis. Entretanto, as primeiras esculturas em estilo gótico vão ser encontradas na Catedral de Chartres, em Paris, na França. Inicialmente essas esculturas apresentavam um aspecto estilizado, onde apenas os rostos das figuras parecem humanos e naturais. Os túmulos esculpidos tornaram-se numerosos nessa época. A princípio, os escultores só decoravam os túmulos dos reis e de grandes personalidades. Normalmente eram feitas imagens que reproduziam o aspecto dessas pessoas. Mais tarde também os cavaleiros e membros inferiores da nobreza conseguiram que escultores entalhassem figuras em seus túmulos. Outra característica presente nesta primeira fase da escultura gótica é a ausência de emoções nos rostos das estátuas, que apresentam uma expressão absolutamente fria. São rostos que não riem nem choram.

Fisionomias absolutamente impassíveis. Nelas há uma total ausência de sentimentos e também de movimento.



Também não se dava importância a proporção dos corpos das estátuas em relação às cabeças. Muitas das estátuas da Catedral de Chartres apresentam uma relação anormal entre corpo e cabeça. Sabe-se que essa proporção, normalmente, deve ser de 1 para 7 ou 8; no máximo de 1 para 9. Nas estátuas de Chartres se vai bem além dessas proporções. Era bastante comum o feitiço de “estátuas-colunas”, pois a ausência de movimento dava à figura uma verticalidade que fazia dela quase um prolongamento do pedestal, tornando-se ela mesma como uma espécie de

coluna. Para acentuar a falta de movimentos essas figuras apresentam os cabelos e os fios das barbas escorridos, quase sem ondulação. As vestes também não apresentam dobras profundas, estas são rasas, estilizadas, quase paralelas e apenas caem ao longo do corpo da estátua.

Com o declínio da construção das igrejas, escultores passaram a decorar seus interiores com altares e figuras de santos. Para ornamentação também usavam ferro para muitas finalidades decorativas nos biombos dos coros; especialistas em metal produziram ainda cálices e outros objetos usando filigranas, esmaltes e pedras preciosas. Artesãos esculpiram em marfim, relicários de igreja e outros objetos. O estilo de arquitetura gótica fornece inúmeros elementos (como colunas, pináculos e fustes), que convidam a decoração com esculturas, tornando essa arte importantíssima no período.

Nessa segunda fase as estátuas parecem animadas por vida e movimento, olhando-se solenemente com suas vestes fluídas.

A simbologia da arte do período gótico é riquíssima em elementos que atestam a fé dos homens de então. Além da escultura, essa simbologia aparece ainda nos vitrais coloridos, nas pinturas e nas ilustrações de manuscritos. A rejeição da frontalidade do período anterior é considerada um aspecto inovador e a rotação das figuras passa a ideia de movimento, quebrando o rigorismo formal. As figuras vão adquirindo naturalidade e dinamismo, as formas se tornam arredondadas, a expressão do rosto se acentua e aparecem as primeiras cenas de diálogo nos portais. As esculturas desse período atingem grande perfeição e equilíbrio. Procuram uma representação mais real de



corpos. Essa estatuária não recusava representar as emoções e o movimento. As figuras fazem gestos, se voltam, não são mais estáticas. As suas vestes se movimentam também, dando ocasião de representá-las com dobras profundas e majestosas, ou então leves e delicadas. As estátuas desse período revelam emoções, mas sempre emoções equilibradas, sem excessos. Elas jamais gargalham apenas sorriem. Um exemplo típico disso são os magníficos anjos do sorriso que se podem contemplar na Anunciação de Reims ou na apresentação de Jesus no Templo. Outras obras primas dessa época são a Virgem dourada de Amiens, a serva da apresentação no Templo de Reims e a inigualável escultura do BeauDieu de Amiens, ainda com alguns traços do gótico primitivo em seu rosto. Esse foi o tempo do chamado “gótico radiante”, do qual são obras típicas as catedrais de Reims, boa parte de NotreDame de Paris e de Estrasburgo.



Um aspecto curioso em relação a esse período da escultura gótica é que pela primeira vez na História da arte se teve a ideia de representar uma figura sorridente. Os anjos do sorriso de Reims superam tudo o que se havia feito até então em matéria de escultura. Apesar de toda a beleza e perfeição das esculturas helênicas, nelas, porém, jamais se vê um rosto sorridente. Normalmente as esculturas clássicas gregas são de rosto quase inexpressivo. Apenas nas figurinhas de Tanagra (cidade próxima à Atenas) se pode encontrar a representação de leve esboço do que poderia ser um sorriso. Estátuas risonhas eram, entretanto, comuns na arte oriental, tanto hindu como chinesa.

Na terceira fase de desenvolvimento da arte gótica, conhecida como gótico flamejante ou gótico da decadência, que vigorou nos séculos XIV e XV, na escultura tanto nas estátuas pequenas como nas grandes, as figuras tumulares apareceram muitas vezes com poses afetadas e rostos sorridentes. Do belo equilíbrio da fase anterior passa-se a um excesso que corrompe muito da beleza das obras. De modelos idealizados passa-se a um realismo brutal. Faziam-se retratos o quanto mais realistas possível. Se a pessoa a ser representada tinha rugas, na estátua tinham que figurar as suas rugas. Se seu queixo era exageradamente pontudo, o escultor primava em fazê-lo tal qual era.



Assim, apareceram retratos brutais ou ridículos. O mercantilismo e o desenvolvimento do comércio e da urbanização deram grande progresso político e econômico para a burguesia, assim como favoreceram o absolutismo e o crescimento do papel do Estado.

Isso tudo, junto com o individualismo crescente, impulsionaram a vaidade. Pessoas ricas, nobres ou burgueses, quando faziam doação de dinheiro para a construção de um altar em uma igreja, exigiam serem retratados, “piedosa” e um tanto vaidosamente

ajoelhados aos pés dos altares que haviam financiado. A preocupação com o real não recuou nem na representação do prosaico e até mesmo do obscuro.

O flamejante se caracteriza pelo triunfo da curva e da contracurva, que vai produzir linhas sinuosas que parecem as de labaredas, por isso o nome do estilo. A contracurva é introduzida nas ogivas, nos arcos, e reina nas esculturas. Isto vai se casar com a preocupação absoluta de representação do real, e para eles o real era o corpo: a curva permitia a representação fiel dos movimentos dos corpos e dos rostos.

A estátua flamejante (flamboyant) é sempre extremamente emotiva, e suas emoções são sempre violentas: ou pranto ou gargalhada, ou terror ou prazer. Os rostos flamejantes já não têm paz.

O gosto pela curva e pela contracurva faz os escultores se preocuparem em esculpir figuras com cabeleiras e barbas enormes e encaracoladas. O Moisés de Claus Sluter no poço da Abadia de Champmoll em Dijon é exemplo típico disso. O drapeamento também passa a ser riquíssimo e excessivo. E, para que as roupagens tenham curvas e contracurvas, elas são esculpidas como se estivessem agitadas por um vento impetuoso.

Ao mesmo tempo que se agitam, riem ou choram, as esculturas flamejantes perdem estatura. O módulo flamejante diminui. As esculturas, em geral, passam a ter tamanho menor.

Normalmente prefere-se esculpir cenas e não mais pessoas isoladas. Exceção são os retratos de doadores, dos quais já falamos, e cuja “piedade” exigia figuras quase sempre em tamanho natural.

O caráter violentamente emotivo da escultura flamejante aparece claramente nas figuras sepulcrais.

O século XIV viu a Europa ser atingida por uma das mais terríveis epidemias que houve na História: a peste negra. Esse flagelo dizimou a população europeia no longo período em que grassou pelo continente. Calcula-se que tenha morrido mais da metade da população.

As mortes eram bruscas e a enfermidade durava pouco. O terror se espalhou por toda a parte. Foi esse pânico que suscitou toda uma série de expressões artísticas. Na música, surgiram as canções terríveis, como os cantos da Sibila e as danças da morte. A conhecida sequência Dies Irae é desse tempo.

Na escultura, desenvolveu-se uma arte tumular de caráter mórbido, na qual os mortos eram retratados em estado de decomposição, devorados pelos vermes. Eram figuras desesperadas ante o mistério da morte.

Essas figuras eram então totalmente diversas das figuras tumulares na época do gótico primitivo e do radiante. No início da arte gótica e em seu apogeu, as figuras postas jazentes sobre os túmulos, os chamados *gisants*, revelavam uma grande serenidade em sua tristeza calma.

Essa atitude equilibrada diante da morte não se traduzia em indiferença, nem em desespero, mas acima de tudo em fé. A morte era vista como contrária à natureza e por isso ela repugna, sendo impossível não encará-la como trágica. Porém, a redenção de Cristo trouxe esperança e a salvação da morte eterna. Por isso, os *gisants* das primeiras fases do gótico eram tristes, mas esperançosos. E a esperança da vida eterna punha nas figuras esculpidas sobre os túmulos uma triste, mas serena paz. Os *gisants* do flamejante são desesperados. Esse desespero era resultante da perda da fé devido ao crescimento do materialismo e o apego às riquezas e à vida terrena.

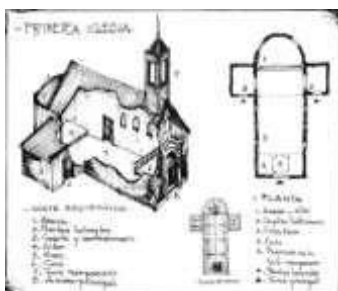
Arte Gótica



Desenvolveu-se dos séculos XII a XIV e início do século XV apresentou características do Renascimento. Essa escola procurou o realismo na representação dos seres, que compunham as obras. Os corpos eram recobertos de roupas e o semblante dirigido para o céu. Foram precursores do renascimento. O principal pintor foi Giotto. A idade média, para alguns historiadores, é o período que abrange de 476 a 1453 D.C. Os germânicos invadem o império romano, originando diversos reinos. A autoridade imperial desaparece em 476 D.C. com a queda de Romulus Augustus. As pinturas desse período são cheias de luzes e bidimensionais, geralmente, financiadas pela igreja. A peste negra de 1348 influenciou algumas pinturas, assim como a agricultura, que logo após entrou em colapso. Algumas imagens não são góticas e pertencem a alta idade média.

Arquitetura

Durante a Idade Média os templos (igrejas, catedrais) e outros edifícios tinham planta de cruz latina ou em basílica.



No estilo Românico os principais materiais utilizados para a construção de edifícios eram a pedra e o tijolo. Na altura os tetos dos edifícios eram de madeira e, por isso, havia muitos incêndios. Por esta razão, esses tetos de madeira foram substituídos por abóbadas. Devido a estas abóbadas (de estilo

bizantino) as paredes tiveram de se tornar espessas para sustentar tanto peso. Para sustentar era necessário o uso de contrafortes em abundância. Para que os edifícios não se desmoronassem, o

uso de janelas e vitrais passou a ser tão reduzido que quase não se notava os detalhes do interior dos edifícios, pelo facto de haver pouca luminosidade.



No estilo Gótico os edifícios passaram a ser mais altos, mas menos extensos. As paredes passaram a ser menos espessas e mais altas. Por isso houve uma diminuição do número de contrafortes utilizados. Devido a isto, as paredes eram rasgadas por inúmeras e enormes janelas e vitrais que, ao contrário do estilo Românico, deram uma maior luminosidade e claridade ao interior dos edifícios.

REFERENCIA

http://www.encyclopedia.com.pt/articles.php?article_id=1181

<http://turmadoberlindo.arteblog.com.br/180978/TODOS-OS-TIPOS-DE-ARTE-AFRICANA/>

Fontes: http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_sacra

http://www.cm-braga.com.pt/turismo/artesanato/arte_sacra/arte_sacra.asp

<http://www.franciscanos.org.br/artesacra/sacraeiconografia/02.PHP>

<http://www.infoescola.com/artes/arte-sacra/>

<http://www.vaticanotour.com.br/historia.html> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vaticano>

<http://www.infoescola.com/cristianismo/vaticano/>

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2005/07/14/001.htm>

<http://www.beatrix.pro.br/index.php/arte-gotica-escultura/> [http://www.historiayarte.net/a-](http://www.historiayarte.net/a-pintura-gotica.html)

[pintura-gotica.html](http://www.historiayarte.net/a-pintura-gotica.html) <http://www.slideshare.net/anitarink/arte-na-idade-media>

<http://lamentodosanjos.blogspot.com/2009/07/pintura-do-gotico.html>

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2005/07/14/001.htm>

<http://www.beatrix.pro.br/index.php/arte-gotica-escultura/>

<http://artecomocultura.blogspot.com/2009/03/idade-media.html>